

Dos encontros nas fronteiras do sertão e da floresta - cenas da travessia em Guimarães Rosa e Milton Hatoum

Amilton José Freire de Queiroz¹
Colégio de Aplicação – Universidade Federal do Acre

Henrique Silvestre Soares²
Universidade Federal do Acre

Simone de Souza Lima³
Universidade Federal do Acre

Resumo

O ensaio tem por meta e alvo garimpar as cenas da travessia nos contos *A Terceira margem do rio* e *Uma estrangeira de nossa rua*, respectivamente de Guimarães Rosa e Milton Hatoum. Para perambular nessas paisagens, conjugam-se as bússolas teórico-metodológicas de Cornejo Polar, Antonio Candido, Tania Franco Carvalhal, Benjamim Abdala Júnior, Marli Fantini, Ligia Chiappini, Homi Bhabha e Edward Said. Aproveitando as chaves de leitura desses intelectuais, espera-se mapear os laços de solidariedade entre a figuração de personagens que modulam na frequência do pensamento da fronteira, do rizoma, da errância e das redes, suportes da travessia. Passeando na encruzilhada desse rizoma de solidariedade, quer-se, em última instância, projetar um olhar que culmine por flagrar as passagens e os transportes interculturais operados no conto contemporâneo, de tal forma a esmiuçar o jogo da travessia das fronteiras do sertão e da floresta reelaborados e imaginados, ficcionalmente, pelos dois escritores brasileiros.

Palavras-chave: Representação. Errância. Margem. Literatura.

Abstract

The test is to target and target panning scenes tales of crossing the river *The Third* and *A streets of our foreign*, respectively Guimarães Rosa and Milton Hatoum. To wander these landscapes, combine the theoretical and methodological compasses Cornejo Polar, Antonio Candido, Tania Franco Carvalhal, Benjamin Abdala Júnior, Marli Fantini, Ligia Chiappini, Homi Bhabha and Edward Said. Taking the keys from reading these intellectuals, it is expected to map the ties of solidarity between figuration of characters that modulate the frequency of the thought of the border, the rhizome, the wandering and the networks of carriers crossing. Strolling at the crossroads of rhizome of solidarity, whether up, ultimately culminating design a look for catching the passes and transport operated in intercultural

¹ Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade (2007/2009) – Universidade Federal do Acre.

² Doutorado em Estudos Literários, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Professor adjunto 4 da Universidade Federal do Acre, atuando nos cursos de Letras, Pedagogia, e no mestrado em Letras: Linguagem e Identidade

³ Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2001), Mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996). Atualmente é professora da Universidade Federal do Acre, professor associado II da Universidade Federal do Acre e docente da Universidade Federal do Acre

contemporary tale, so to scrutinize the game of crossing the boundaries of wilderness and forest reworked and imagined, fictionally, the two Brazilian writers.

Keywords: Representation. Wandering. Margin. Literature.

1. Entre limiares Críticos – leituras cruzadas das cenas da travessia

[...] Estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada [...]

Antonio Candido

[...] O exercício da crítica não é separável das opções básicas de quem o realiza [...]

Cornejo Polar

[...] Os procedimentos metodológicos utilizados são os da Literatura Comparada, entendida não como mera comparação entre textos, mas como campo de estudo dos processos de relação entre textos, literaturas e culturas [...]

Jane Fraga Tutikian

[...] Define-se limiar como ponto de tensão entre continuidade e descontinuidade, passagem de um mesmo para o outro, fazendo emergir nesse espaço a necessidade de comparar realidades geográficas, culturais e linguísticas diversas, bem como estabelecer métodos adequados para avaliação de distintos processos de organização de produção de linguagens e saberes [...]

Evelina Hoisel

[...] Ele (Sergio Buarque de Holanda) se entranha no sertão em busca daqueles limites que não são limites, mas derivas histórico-culturais, daquelas fronteiras que desdizem as fronteiras rígidas, predeterminadas pela cultura européia, visto que elas não fecham o espaço mas, como ele escreve, ‘deixam lugar’

Ettore Finazzi-Agro

[...] As fronteiras amazônicas constituem-se em *lugares babélicos, lugares de viagens e narradores imaginosos – trânsitos e movências de corpos* em permanente diáspora.

Simone de Souza lima

Uma longa viagem teórico/crítico/metodológica foi realizada pelos bosques dos Livros, Revistas, Anais de Congressos, Simpósios e Colóquios para selecionar os seis dizeres textuais que abrem as janelas da primeira parte deste artigo. Decidimos postar e conjugar os balbucios de Candido (2004), Polar (2000), Tutikian (1999), Hoisel (2004), Finazzi-Agro (2002) e Lima (2010), procurando relacioná-los às leituras cruzadas propostas sobre a configuração das *cenas da margem* na literatura de Guimarães Rosa e Milton Hatoum. De início, atentos a *Recortes* (2004), acompanhamos o ensinamento de Candido sobre a noção de que “estudar literatura brasileira” é percorrer as fronteiras sem limite da literatura comparada, principalmente porque estamos aproximando dois homens das letras nacionais para mostrar de que forma eles fotografam as imagens híbridas do Brasil, desvelando as plagas da

reconfiguração das identidades na produção literária da América Latina, conforme aponta Coutinho (2003).

O primeiro, falando a partir do interior das Minas Gerais, explora os paradoxos da vida no sertão e sua gente mergulhada num mundo de oralidade, gestos e falas. É de lá que o narrador nos conta: seu pai “encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador⁴” – emendando que diante da firme decisão do pai, a mãe rígida apenas balbuciara, pálida: “*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*”⁵, configurando pelo viés da oralidade, acompanhada da gestualidade e dicção próprias as primeiras cenas das margens do complexo entorno que marcaria a *travessia* do enigmático personagem de *A terceira margem do rio*.

Milton Hatoum elege como cenário de sua narrativa as margens da cidade de Manaus, com seus habitantes estrangeiros em tensão com as gentes dos bairros periféricos formadores dos cinturões de miséria manauara, as palafitas e os portos d’águas, a partir de onde seus personagens ensaiam seus gritos para a vida, marcados que são pelas fraturas e traumas que lhes permeiam os corpos físicos, a alma e seu psiquismo aderente. Das margens desse lugar de exílio, o narrador rememora sua paixão adolescente por *Lyrís*, que vivia enclausurada com sua irmã e mãe estrangeira. Afirma o narrador: “Andavam sempre juntas, e sempre escoltadas pelo pai: o engenheiro *Doherty*. Diziam que ele era inglês ou irlandês, e a verdadeira nacionalidade permaneceu um mistério⁶”. Nesse clima de enigma, surgirão outras cenas das/às margens amazônicas a apontar perfis híbridos e exílios traumáticos, prenhes de sentido.

Ainda sob o ritmo do cruzamento de olhares, pactuamos do canto teórico de Cornejo Polar sobre o “exercício da crítica” como elemento não divorciado entre docência e pesquisa. Em nosso caso, temos procurado selecionar, ler, analisar e interpretar parte do *corpus* artístico brasileiro para demonstrar que “*as obras literárias e seus sistemas de pluralidade são signos que remetem sem exceção possível a categorias supra-éticas: o homem, a sociedade, a história*” (POLAR, 2000, p.16). De fato, flanando entre as rotas de ideias do intelectual peruano, queremos (re) abrir as portas do conto de Rosa e Hatoum para compreender os modos de representar *homem, sociedade e história* na encruzilhada de interditos que, juntos,

⁴ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: **Primeiras Histórias**. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 79.

⁵Idem, p. 80.

⁶HATOUM, Milton. *Uma estrangeira da nossa rua*. In: **A cidade ilhada: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 16.

delineiam cenas da nudez da letra etnocêntrica. Do mesmo modo, para ler as cicatrizes e traumas produzidos no/pelo traçado das narrativas logocêntricas, convocamos a vereda comparatista de *Olhares Inquietos*, levando em conta destacadamente Tutikian (1999) alertanos sobre a necessidade de estudar os processos de relação entre textos, literaturas e culturas no circuito literário brasileiro, do qual participam Rosa e Hatoum.

Focando a noção de limiares críticos no comparatismo na contingência finesseccular, Hoisel (2004) concebe “*limiar como tensão entre continuidade e descontinuidade, passagem de um mesmo para o outro*”. Traduzindo esta afirmação para o contexto de produção dos textos da série literária brasileira, consideramos a escrita de Guimarães Rosa como um *limiar estético* que se projeta para além dos limites do filão regionalista para “descobrir” e narrar as experiências humanas em meio à tradução de um sertão universal, destituído de uma lógica desbotada do discurso “*da cor local*” e “*do exotismo*”. Se a figuração do termo limiar traz consigo, conforme nos fala Hoisel (2004), a noção da “*passagem de um mesmo para o outro*”, não seria possível considerar que a prática literária de Milton Hatoum representaria essa *passagem*? Ancoramos a indagação em Alfredo Bosi (2004), em quem encontramos a seguinte consideração:

Quem supunha, por exemplo, da Amazônia só nos viessem episódios de seringueiros e índios massacrados, por certo recebeu com surpresa o texto em surdina de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (89), em que a vida de uma família burguesa de origem árabe, enraizada em Manaus, se dá ao leitor como um tecido de memórias, uma sequência às vezes fantasmagórica de estados de alma, que lembra a tradição de nosso melhor romance introspectivo? (BOSI, 2004, p. 437)

Radiografando os caminhos temáticos da narrativa produzida no contexto da(s) Amazônia(s), e sua tendência à representação de tipos humanos como “*seringueiros e índios massacrados*”, Bosi aproxima a escrita de Hatoum à tradição do “*romance introspectivo*”. Pelas vias de construção do caráter placentário e dialógico aceitável com o *outro*, ele cria uma brecha de pesquisa para o papel desempenhado por Rosa e Hatoum, comparando os perfis de personagens heterogêneas, deslocadas em perpétua mudança, na elaboração do mapa das vidas em travessia no panorama atual da literatura brasileira.

O exame das cenas errantes, feito à luz de Ettore Finazzi-Agro (2002), permite-nos descosturar os pactos de visibilidade e dizibilidade das versões construídas sobre as derivas histórico-culturais dos deslizamentos das fronteiras rígidas para o *espaço sensível do limite*. Alimentando-se dessa prática pendular, a obra rosiana corta veredas, segmenta olhares para

potencializá-los através das errâncias dos corpos tatuados nas paisagens de seus textos, por exemplo, consubstanciado na decisão do pai do narrador “*de permanecer naqueles espaços do rio, de maio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia*”⁷, e o velho habitante da terceira margem do rio recriava possibilidades outras de exílio em territorialidades pouco imaginadas.

Sobre os *limites da margem* na esfera da literatura e cultura da Pan-Amazônia, o pensamento de Lima (2010) desvela o corpo-a-corpo da letra, voz e imagem do trânsito da memória na produção literária de Hatoum. Com o auxílio das travessias teóricas daquela autora, descortinaremos as páginas do texto hatouniano para confeccionar um mapa dos *lugares babélicos, lugares de viagens e narradores imaginosos – trânsitos e movências de corpos* em permanente diáspora pelas regiões amazônicas. Ligando os fios da trama discursiva acima referida, Pizarro (1993) observa, com muita pertinência, ao estudar as várias facetas da *literatura, palavra e cultura* na América Latina, afirma que:

Estes tempos culturais, que implicam diferentes formas do imaginário, distintas concepções estéticas, modos de relação com o homem e o universo no processo que cria a colonização, se articularão num complexo composto de segmentos de modos de produção, sociabilidade e imaginário, incertos em diferentes graus de desenvolvimento e distintos momentos na direção imposta pela metrópole. É a sintaxe dos espaços e temporalidades através da qual a sociedade organiza sua existência, que se torna discurso e dará o perfil a seu desenvolvimento literário e cultural, onde vão a plasmam-se os diversos tempos que combinam o tempo do continente (PIZARRO, 1993, p. 20).

(Re) inventores de imaginários híbridos – dos sertões e florestas babélicos – Rosa e Hatoum armam mundos de linguagem que testemunham as travessias das personagens pelos labirintos da América Latina, desenhando cenas que absorvem os modos de relação do homem com o universo da tradição e da modernidade. Duas sintaxes narrativas distintas, a obra dos escritores mineiro e manauara distancia-se da lógica da “cor local”, “da exuberância dos trópicos” e “do típico”, elaborando mapas geográficos errantes que evidenciam a opacidade das várias temporalidades e espacialidades existentes na cultura e literatura latino-americana.

⁷ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: **Primeiras Histórias**. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 80.

Ancorados em Lígia Chiappini (1995), entendemos que, transpondo o beco da lógica regionalista, a escrita dos dois autores dedica-se à focalização das situações-limites da representação do espaço, língua e trânsito de culturas na narrativa latino-americana. Também a lição de Galvão (1972) permitirá interpretar os “*Retratos do Brasil*” na obra do Viator mineiro e do tradutor manauara, desvelando, assim, duas das várias facetas da comarca cultural brasileira, como diria Angel Rama (2001).

Os gritos narrativos de Rosa e Hatoum são dotados de aspiração de uma Latino-América plural. Este, ao que nos parece, é o lugar de encontro da *escrita transgressora*, que conote, em primeiro plano, *passar para o outro lado* através da representação de línguas, margens, fronteiras, alcançando uma transcendência narrativa que, ao tempo em que *releva* os limites, os dilui *para ir mais além* dos pactos ficcionais e entrar nas terras das utopias do desejo humano, viajando que nem o velho da margem do rio, “avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala⁸”. Ou ainda como *Alba*, a mãe de *Lyris* que o narrador achava que “fosse amazonense, pois suas feições indígenas eram familiares⁹” – depois, sabendo-a peruana, compreende “que a língua, e não a nacionalidade, nos define¹⁰”.

Nesse ponto, destacamos um possível encontro poético entre Rosa e Hatoum. As representações de etnicidade estão além da visão etnocêntrica que poderia nos identificar por traços físicos aleatórios. Juntos, *Doherty* e *Alba* aparentemente formam um casal transgressor do ordenamento social estabelecido, recuperado pela memória do saudoso narrador, o casal parece, de fato, vivenciar um relacionamento em dissonância, em razão do perfil dominador que o pai exerce sobre as filhas e a esposa, sendo levemente sugerido pelo ciumento narrador de *Uma estrangeira da nossa rua* o pai “se trancava com as filhas e as agarrava com volúpia¹¹”.

Preocupada em sistematizar algumas características da série literária brasileira contemporânea, Cury (2008) apresenta-nos uma radiografia dos temas presentes na prosa de ficção desses tempos de amores e vidas líquidas, como quer Bauman (2004). Diz Cury:

Representações da pobreza e da marginalidade, do mundo das drogas e da prostituição, personagens migrantes, o universo dos marginais e dos excluídos do sistema dão a tônica a tais produções. Expressam, contudo, diferenças que se

⁸ ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: **Primeiras Histórias**. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 81, 82.

⁹ HATOUM, Milton. *Uma estrangeira da nossa rua*. In: **A cidadeilhada: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 16.

¹⁰ Idem, p. 16.

¹¹ Idem, p. 17.

configuram no espaço simbólico, com variações nas suas estratégias narrativas, nas vozes enunciativas que privilegiam, embora sob o denominador comum da temática da violência, da crueldade (CURY, 2007, p. 10).

Mapeados os temas, Cury (2008) lança a tese de que a narrativa brasileira contemporânea é composta de:

Textos que até chegam, muitas vezes, a constituir um gênero literário novo, modulado numa narrativa formalmente marcada pela concisão e rapidez, como registros ininterruptos de realidades em movimento célere e que não têm repouso, que mal se deixam apreender na sua precária momentaneidade. Uma forma breve, muitas vezes brevíssima, o chamado miniconto que, dialogando com a memória do gênero, com ela rompe para instaurar uma “poética do acontecimento” (CURY, 2007, p. 10-11).

Diante da síntese do percurso da série literária brasileira contemporânea, refletamos mais detalhadamente sobre o entorno contextual da mais recente publicação de Milton Hatoum – *A Cidade Ilhada* (2009). Composto de 14 “minicontos”, este livro, conforme consta nas orelhas do texto hatouniano, “*desvela os relances da experiência vivida recolhidos em tramas brevíssimas, de dicção enxuta, em que tudo ganha nitidez máxima – e máximo de poder de iluminação*”. Em face disso, diríamos que a escrita do autor manauara modula na frequência do ensinamento do mestre italiano Calvino sobre a *leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade e a multiplicidade*. Com a exploração de uma técnica de representação literária alicerçada nos mecanismos da memória, os textos do ficcionista amazônico absorvem a mescla entre local e o nacional, o particular e o universal, desprovido das cercanias textuais do olhar essencialista ou linear que marca grande parte do panorama da narrativa brasileira produzida na Amazônia desde os idos do século XVI, num primeiro momento com os relatos de viajantes e, num segundo, a partir dos relatos de cientistas pela região.

Esmiuçadas algumas veredas de ideias nas linhas acima redigidas, é momento, pois, de buscar um arremate parcial para ligar os fios condutores dos limiares críticos apresentados até aqui. Já no segundo parágrafo desse tópico está postada seguinte informação: “*mostrar de que forma Rosa e Hatoum fotografam as imagens híbridas do Brasil, desvelando as plagas da reconfiguração das identidades na produção literária da América Latina*”. Ao propor essa aproximação no campo da literatura brasileira, não temos por escopo macular a trajetória literária do escritor mineiro, tampouco destroná-lo no berço do cânone latino-americano, antes sim levar adiante a pertinência da síntese comparatista feita por Coutinho (2003), a de que:

Como a identidade não pode ser mais vista em termos ontológico, mas como um conceito múltiplo e em constante mutação, e a “nação” se revelou um constructo como outros, baseado, por exemplo, em referenciais de outra sorte, tais como a etnia, religião ou língua, a História Literária abandonou seus pilares tradicionais e se tornou a articulação de sistemas ao mesmo tempo imbricados, superpostos e dinâmicos. É como uma disciplina marcada pelo signo da pluralidade e do dinamismo que ela vem realizando hoje, na América Latina, sua tarefa de reconfiguração de identidades (COUTINHO, 2003, p. 68).

Encontrando guarida neste roteiro de leitura esboçado pelo teórico, leremos e interpretaremos ainda um pouco mais acerca do universo da literatura de Rosa e Hatoum para descosturar as teias da diferença cultural, seus signos de pluralidade e dinamismo. Sem mais delongas, vamos, ao encontro das cenas da margem.

2. Cenas da travessia - muiiraquitãs, memórias e errâncias em Rosa e Hatoum

Muiiraquitã, muiiraquitã de minha bela, vejo você, mas não vejo ela!...

Macunaíma, de Mário de Andrade.

Primeiro, perdemos lembrança de termos sido rio. A seguir, esquecemos a terra que nos pertencera. Depois da nossa memória ter perdido a geografia, acabou perdendo a sua própria história. Agora não temos sequer idéia de termos perdido alguma coisa.

O Outro Pé da Sereia, de Mia Couto.

O exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela – o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria é do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos.

Reflexões sobre o exílio, de Edward W. Said.

Olhada na direção destas epígrafes, a escrita rosiana e hatouniana catalisa as redes de sentido do saber em trânsito, perscrutando, ainda, as diferentes performances estéticas escondidas por trás da representação dos embates e clivagens culturais operados no imaginário de regiões e continentes que tiveram seu *modus vivendi* totalmente obliterado pelo caráter coercitivo das letras européias.

Por variadas formações discursivas (antropologia, etnologia, geografia, história, historiografia, diários de viagem, crônicas, cadernos de anotação), as temporalidades e espacialidades do *Novo Mundo* brotavam em meio aos bosques dos textos dos viajantes, forjando e apresentando cenários paradisíacos que enchiam de desejos os olhos do Império Colonial. Uma manta de sentido cobria e ocultava corpos, línguas e culturas, impedindo que o imaginário das mestiçagens, heterogeneidades, transculturações, margens, trocas,

negociações, tensões e diferenças fossem observados no processo de formação das mentalidades literárias.

Com o uso da expressão *Cenas da travessia*, esperamos descortinar as fronteiras de textos literários cujos cenários guardam vestígios das memórias de personagens que, vislumbradas pelo crivo da lupa teórica de Homi Bhabha, estão inscritas “*no além, portanto, habitam um espaço intermédio, residem no além, sendo parte de um tempo revisionário que volta ao presente para redescrever nossa contemporaneidade histórica, tocam o futuro em seu lado de cá*” (BHABHA, 1999, p. 27). Colhendo os frutos das ponderações do mestre indo-britânico, diríamos que os seres de linguagem fabricados por Rosa e Hatoum moram em espaços intermédios como a canoa e a rua, viajando, ainda, pelos territórios de suas identidades voláteis e contraditórias.

Colada ao fluxo do mapeamento dos entre-lugares habitados pelas personagens, os contos de Rosa e Hatoum evocam a abertura dos arquivos da memória latino-americana, palimpsesto que narradores subalternos rasgam as cortinas do testemunho das paisagens exóticas para fotografar e descrever os cenários das margens, frestas, bordas, contribuindo para que os dizeres abafados pela letra logocêntrica sejam ouvidos em meio à regência do coral de vozes polifônicas presentes nas narrativas literárias contemporâneas. Pensada ainda sob a linha teórica de Bhabha, para mapear as cenas da margem no texto literário da América Latina – especialmente os do circuito estético brasileiro – é necessário entendê-lo como:

“O Terceiro Espaço, que embora em si irrepresentável, constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até mesmo signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo (BHABHA, 1999, p. 67-68)

Ancorados nestas bases teórico-metodológicas – a do terceiro espaço – entendemos que os imaginários dos dois contos são tecidos a partir de uma mirada de interpretação que se volta para a ideia de que a “*diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas*” (BHABHA, 1999, p. 228). Dizendo de outro modo, as *diferenças culturais* – linguísticas, éticas, temporais, espaciais e gastronômicas, ultrapassam os limites das oposições e tradições das técnicas de representação do *outro* – negro, amazônico, nordestino, sertão e floresta. É, portanto, através da

representação dos signos da diferença que se instauram os modos de ler e narrar o choque repentino do tempo linear, não sincrônico.

Tais reflexões podem ser articuladas ao mapeamento das cenas da margem, pois o deslocamento de Rosa e Hatoum por múltiplos espaços – territórios ou textos – coloca em suspensão a transparência ou clareza da escrita, e as novas formações discursivas, produzidas em situação de movença e troca simbólica, alimentam-se de um tecido híbrido cuja capilaridade narrativa se sustenta através da tradução dos limites das memórias dos espaços representados. O entrecruzamento desses espaços tem facultado construir pontes móveis por onde atravessam corpos residuais de pátrias itinerantes que vão se desenhando e sendo configuradas através de geografias das vidas errantes projetadas pelos escritores latino-americanos. Para ler a escrita desses ficcionistas em tal direção, buscamos respaldo na perspectiva de estudo apontada por Coutinho (1996), para quem:

Se lançarmos uma breve mirada sobre a história da literatura comparada como disciplina acadêmica, verificaremos, nesse conturbado caso do século XX, que ela é a história da passagem de um discurso coeso e unânime, com forte propensão universalizante para outro, plural e descentrado, situado historicamente, e consciente das diferenças que identificam o *corpus* literário envolvido no processo de comparação. [...] O comparatista agora, ao contrário do que ocorria em estágios anteriores da disciplina, vê-se diante de um labirinto, gerado pela desierarquização dos elementos envolvidos no processo da comparação, e sua tarefa maior reside precisamente nessa construção em aberto que ele irá realizar, nessa descoberta sem marcos definidos. A literatura comparada é hoje uma seara ampla e movediça, com inúmeras possibilidades de exploração, que deixou de lado o anseio totalizador de suas fases de formação e consolidação, e se ergue como um diálogo transcultural calcado na aceitação das diferenças e numa visão de mundo em que categorias como as de centro e periferia sofreram significativa reestruturação (COUTINHO, 1996, p. 25-33)

Moradora da casa textual de *Uno ao diverso: breve histórico crítico do comparativismo* (1996), a reflexão desenvolvida por Coutinho abre espaço para pensarmos a configuração da *tópica da viagem* no universo literário de Guimarães Rosa e Milton Hatoum, cujas obras colhem/espalham os estilhaços da memória de personagens que atravessam sertões, veredas, florestas e orientes, para equilibrarem-se no jogo das idas e vindas, durante a travessia de suas identidades quebradas e móveis, que correm quais águas turvas pelas cenas das letras latino-americanas.

É desse *locus* de representação que nasce a hipótese que serve de baliza para essa parte do artigo: a de que os contos *A terceira margem do rio* e *Uma estrangeira de nossa rua* são dois muiquitãs perdidos, se pensarmos sob a lente estética marioandradiana, entre as

páginas de *Primeiras Histórias* e *A Cidade Ilhada*. Essas duas pedras mágicas do discurso literário brasileiro contemporâneo, vislumbradas na direção das palavras do escritor moçambicano Mia Couto (2006), são carregadas por personagens que perdem a “lembrança de terem sido rio”, esquecem a terra a que pertenceram, suas memórias são desprovidas de geografia, resultando na perda de sua própria história.

As imagens de *A terceira margem do rio* e *Uma estrangeira de nossa rua* são mundos de linguagem reinventados por vozes narrativas cuja tessitura faz-se pelo diálogo intermitente entre verossimilhança interna e externa (COMPAGNON, 1999, p. 175). As amarrações e coerências dos corpos errantes que viajam pelas páginas dos contos engendram virtualidades, ou melhor, visibilidades sobre o caráter perene que marcam a conformação dos espaços não como elemento dado, parado e estático, mas atravessado por olhares (estéticos, éticos, políticos, linguísticos) que, juntos, rabiscam uma rota discursiva em torno da cartografia rizomática dos espaços na contemporaneidade. Cotejados na dianteira de Said (2003), as personagens dos dois contos desnudam os sentidos de corpos nômades, canoas, rios e ruas de papel que representam pedaços das memórias do exílio na prosa de ficção latino-americana. Caminhemos, por fim, à cata das cenas da margem nas próximas janelas dessa escrita.

3. Encontros, viagens e desterritorializações – o testemunho do *outro*

Portos de passagem, territorializações, desterritorializações e reterritorializações, os contos *A terceira margem do rio* e *Uma estrangeira de nossa rua* traduzem as representações das memórias do contato, tenso e diverso, entre as geografias humano-físicas de “*nós e os outros*” (TODOROV, 1999). Seguindo o curso das concepções todorovianas, pode-se considerar que Rosa e Hatoum forjam trajetórias, alteridades, éticas e gestualidades que focalizam o drama da partida, da travessia, da errância pelas margens da cultura latino-americana. Em contextos diferentes, o amazônico e o mineiro, logo, ligados às fronteiras da literatura brasileira, ou, se quisermos, ambos fazendo parte do sistema literário latino-americano; os textos dos dois apresentam cenários estéticos, linguísticos e familiares que enfocam a tradução das situações-limites dos signos da diferença escondidos entre os excessos da letra etnocêntrica, despindo-a de seu caráter binário para vestir outras roupagens culturais conectadas à experiência de geografias híbridas do diálogo entre “*nós e os outros*”.

Gestada sob essa mirada cartográfica dos diálogos de alteridades, a produção literária brasileira contemporânea, olhada aqui a partir dos recortes literários rosianos e hatounianos, movimentando sonhos, sentidos e corporeidades estéticas para curar a *cegueira*, traduzir as formas do *silêncio* e, principalmente, pescar nuances das memórias polifônicas do *outro* no seu ato performático de vidas diaspóricas que articulam diferentes *mímicas* para ultrapassar as fronteiras da *letra morta* que ocultou, durante muito tempo, os pactos de visibilidades e dizibilidades da margem móvel latino-americana.

Tais arquivos de interditos corporais, gestuais e éticos revestem-se, em nossa argumentação, de uma capilaridade crítica que verticaliza e reencena a configuração dos *imaginários da diferença*, raspando as cicatrizes deixadas pelo discurso etnocêntrico que funda os embates culturais entre os tecidos da memória coletiva de colonizadores e colonizados. Como diria Zilá Bernd, as literaturas das Américas vasculham os labirintos das memórias e dos esquecimentos de personagens híbridas e compósitas para abrir fendas, caminhos nos quais seja possível mapear os vestígios de partidas, travessias e errâncias capturadas pelo imaginário das mobilidades culturais (BERND, 2010, p.9). A fecundação das cenas da margem passa, assim, pela construção de um inventário das paisagens transfronteiriças da prosa de ficção de Guimarães Rosa e Milton Hatoum.

Donas de inquietos olhares e jeitos peculiares de perscrutar o jogo da representação do *outro*, as vozes narrativas rosianas e hatounianas perspectivam os caminhos da figuração de personagens que estão com um pé lá outro cá no que tange à cartografia dos desejos de atravessar o imaginário de suas identidades cindidas. Entrando propriamente no terreno dos contos, é bom frisar que seus narradores, alicerçados na exploração da técnica literária da primeira pessoa, inspecionam os limites das relações, dos diálogos, dos silêncios, dos traumas evocados durante a constituição das performances das personagens nos textos em análise.

Assim, para prosseguir na explanação dessas ideias, lançamos mão de sete indagações que nos auxiliarão no sentido de dimensionar as distintas veredas de interpretações de parte do campo literário rosiano e hatouniano: 1) *O que são cenas da margem?* 2) *Quais são elas?* 3) *Quem são seus narradores?* 4) *Em quais margens suas personagens transitam?* 5) *Que fronteiras, traumas e errâncias são encenados?* 6) *Que viagens, encontros e processos de territorialização, reterritorialização e desterritorialização encontram-se tatuados no texto literário?* 7) *Como o Outro é traduzido paisagem literária rosiana e hatouniana?*

Em face dos caminhos trilhados acima, torna-se importante sublinhar, aqui, que não temos o escopo de equacionar definitivamente tais inquietações, antes, sim, abrir algumas veredas de análise voltadas para a construção de uma *rede de correlações transterritoriais tanto pelo aspecto das intertextualidades literárias quanto dos contatos culturais* (BORDINE, 2012, p. 230). Quer dizer, esperamos ultrapassar a visão etnocêntrica do método comparatista das *fontes e influências* para, de fato, conjugar as alianças teórico-metodológicas do *comparatismo solidário*, o qual sob a perspectiva de Abdala Junior:

Reúne condições de permitir evidenciar, em estudos contrastivos, diferenças não apenas entre países de nossa contextualidade cultural, mas também as internas de cada um deles. São diferenças identificadas com experiências históricas e diversidades culturais análogas, que se configuram entre os estados nacionais enlaçados em redes pela articulação comunitária (ABDALA JUNIOR, 2009, p. 66).

Discutindo a “*contextualidade cultural*” das bacias literárias da (s) Amazônia(s) e do(s) Sudeste(s) representados nas telas discursivas, o presente trabalho, de agora em diante, centra-se na análise dessas muitas facetas estéticas, buscando aproximar as vozes narrativas de *A terceira margem do rio* e *Uma estrangeira de nossa rua*, lugares de passagem para os quais se dirigem uma gama variada de representações sobre corpos reveladores de gestualidades e temporalidades da diferença.

Um dos possíveis modos de aproximação das vocalizações dos narradores é colocá-las lado a lado para que tenhamos uma visão mais detalhada dos procedimentos de construção das cenas da margem. Caminhemos, então, ao encontro das falas dos narradores rosiano e hatouniano, quando eles iniciam suas empreitadas de testemunhas desde o primeiro parágrafo dos respectivos contos:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa (ROSA, 2008, p.36).
No caminho do aeroporto para casa, eu observava os lugares da cidade agora irreconhecível. Quase toda a floresta em torno da área urbana havia degenerado em aglomerações de barracos ou edifícios horrorosos. Em casa, tia Mira me recebeu com entusiasmo e contou com uma outra novidade que, para mim, já não faziam sentido. Deixei a mala no quarto e quase sem querer perguntei pelos Doherty (HATOUM, 2009, p. 15)

Lidos em sua profundidade semântica, os olhares narrativos apresentam pontos de confluência. Os diálogos entre as vozes dos narradores, ambas habitantes da linha tênue da primeira pessoa, nos colocam em estado de alerta para desvelar os sentidos dos extratos textuais pinçados acima. No caso do primeiro, estamos diante do testemunho de um filho que esmiúça a trajetória do pai “*ordeiro e positivo*” que decide seguir o curso da vida habitando um *lugar sem lugar* de uma canoa. Na esfera da segunda paragem discursiva, encontramos algumas pistas da mundivência do relato de um jovem que narra sua empreitada amorosa para conquistar uma mulher estrangeira que parte para outras geografias do desejo, deixando o narrador, sozinho, atravessar as pontes dos paradoxos de suas próprias memórias errantes.

Aproximadas, as duas falas revelam não somente a travessia pelo território de identidades híbridas, culturas e histórias particulares, mas também inspecionam as múltiplas focalizações sobre o retrato de vidas em trânsito. Ou, caminhando com Abdala Júnior, “as formas literárias das culturas de língua portuguesa circulam, assim, permitindo uma visão crítica do imaginário intercambiado. Essa criticidade reúne condições de ser mais apurada pela intersecção de outras experiências históricas” (ABDALA JÚNIOR, 2009. p.71). Transposto para o imaginário Guimarães Rosa e Milton Hatoum, esse balanço crítico nos permite entender como a obra dos dois escritores alimenta-se de tantas plasticidades/elasticidades que terminam por amarrar alguns fios das redes de sentido em torno da representação das temporalidades e espacialidades.

Para discutir um pouco o projeto literário rosiano, trazemos para discussão dois exercícios de interpretação empreendidos por Marli Fantini. O primeiro deles nos abre a porta das vidas intelectual e literária do escritor mineiro:

A questão da fronteira é recorrente na vida profissional e na obra literária de João Guimarães Rosa. A viagem por muitas geografias, o convívio com diversas culturas, o conhecimento de várias línguas são indubitáveis fatores para intervir no enfoque fronteiriço privilegiado na obra ficcional desse escritor, sobretudo no que pode dizer respeito ao desdobramento da perspectiva frente às diferenças culturais (FANTINI, 2003, 75)

O segundo pode ser buscado na análise do:

Campo narrativo onde Guimarães Rosa encena o tensionamento entre colonialismo residual e modernidade é um entre-lugar liminar e disjuntivo onde emergem várias temporalidades, culturas e territórios em confronto. O cenário privilegiado por sua poética é territorialidade periférica do sertão mineiro. Entretanto, ao colocar essa região em interatividade com esferas espaço-culturais mais amplas, Rosa fá-la

sofrer substantivamente perda de seus referenciais geopolíticos. Assim, quando coloca sua região em contato com a esfera transnacional, o escritor amplia os limites de noções estereotipadas como “regionalismo” ou “brasilidade” com que costumou, durante algumas décadas, classificar sua literatura aqui e lá fora (FANTINI, 2003, 75)

Tatuando os limiões da fronteira da hibridez cultural e temporal onde se desatam os pólos da representação dos corpos, barcos, línguas e sertões, a autora dá algumas pistas sobre a construção das imagens fronteiriças na máquina narrativa rosiana. Uma delas reside na análise das viagens de Rosa por outras geografias culturais e transnacionais, condição que lhe permite, pelo viés estético e intelectual, vasculhar os arquivos da memória das narrativas latino-americanas, contribuindo para a “*consolidação de um cânone alternativo que, emergindo de formações literárias híbridas produzidas em condição colonial, vem lentamente construindo-se através do gesto de assimilação e resistência ao cânone universal*” (FANTINI, 2003, p.47).

Com *cânonos alternativos* como o conto *a Terceira margem do rio*, cuja técnica narrativa apresenta um trabalho refinado com a linguagem, Rosa embaralha vidas e apresenta versões dos (des)encontros das memórias – partidas, partilhadas e estilhaçadas – do contato entre tradição e modernidade. Aguçando os sentidos de seus olhares sobre a família, o filho narrador relê e reinscreve novas significações para dizeres e interditos escondidos por trás das performances de sua mãe, irmã, e, principalmente, do pai. Uma viagem pelas dobras das lembranças, dos acréscimos e das supressões é isso que marca o discurso testemunhal deste filho que penetra e sonda os desejos e traumas escavados na lápide da memória do pai navegante das águas turvas do rio. Não por acaso, nas duas obras, o rio é o lugar por excelência da travessia, modo singular de rede intercomunicativa a marcar fronteiras entre o seco, a terra, e o molhado, margens incontáveis e acolhedoras de águas como que a marcar a trajetória dos personagens hatouniano e rosiano e aqui pesquisados.

Escavar os motivos da escolha de viver e estar na terceira margem firma-se como o foco da atuação dessa voz narrativa latino-americana. Ao entrar nos labirintos das identidades híbridas, desprovidas, pois, das jaulas do discurso da homogeneidade, o filho passa atuar como um *narrador etnógrafo* que cartografa situações-limite do tempo, do espaço e das experiências de corpos cujas vidas colheram por processos de clivagem cultural de toda sorte, cuja síntese pode ser sentida na leitura nas expressivas palavras do narrador de *A terceira margem do rio* – “sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém mais soube dele [do

velho pai]. Sou homem, depois desse falimento. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - rio¹²”.

No bosque de palavras de Hatoum, há a representação de signos que atravessam os labirintos do circuito literário latino-americano, costurando horizontes de leitura que deságuam no mar da reflexão sobre a cartografia das línguas, linguagens e identidades diversas. Descamando os sentidos desse constelado de vozes dissonantes e inaudíveis, as páginas transnacionais talhadas pelo autor desnudam parte do corpo literário, ou feridas, traumas, fantasmas que Silviano Santiago (1982), resumiu em cinco termos: a condição da dependência cultural. Ela é a espinha dorsal que sustenta o roteiro da viagem pela tradução das memórias do contato entre o imaginário ocidental e oriental na letra hatouniana.

A presença simultânea de corpos provenientes desses dois lugares de cultura sinaliza e abre espaço para descortinar as fronteiras do olhar exótico, bem como descolar e desobstruir redes discursivas carregadas de eurocentrismo, pondo à deriva cortes, suturas, rasuras em que a literatura do verde (Amazônia) está imersa, permitindo ainda a abertura de um debate em torno dos diálogos, simetrias e assimetrias culturais existentes entre os discursos literários, históricos, sociológicos e antropológicos. Nas páginas desses saberes, a tônica principal recai sobre a representação de estrangeiros, migrantes, desenraizados e desterrados, os quais, sob a lente narrativa hatouniana, descobrem rotas de viagem que os conduzem rumo à terceira margem de suas experiências e seu desejo de encontrar um lugar ao sol na prosa de ficção latino-americana.

Em *Uma estrangeira de nossa rua*, é perceptível a instauração de um universo híbrido onde as fronteiras da relação entre “nós e eles” são descortinadas através da produção de um imaginário que virtualiza, fratura, corrói as amarraduras estéticas da produção literária dos trópicos amazônicos, cujas matrizes narrativas estiveram, por muito tempo, fincadas na direção do olhar exótico, o qual elege como lugar discursivo a natureza enquanto personagem principal. Noutra direção, o escritor manauara encara os ângulos enviesados da mediação cultural entre o *mesmo* e o *outro*, concebendo-os na dianteira de um rio por cujas águas

¹²ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: **Primeiras Histórias**. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 85.

navegam simultaneamente os mais distintos estrangeiros e brasileiros nos barcos ficcionais – isto é: romances, poesias, contos, e outras produções culturais de linguagem.

Explorando as interfaces, as trocas e os diálogos realizados entre as culturas ocidentais e orientais, através da leitura ou por meio do deslocamento físico e simbólico, o conto de Hatoum promove um encurtamento de distâncias entre os imaginários estéticos, políticos e éticos, nos quais suas personagens estão submersas. Assim, os seres de linguagem delineados pelo olhar enviesado desse filho de imigrantes sírio-libaneses empreendem grandes travessias pelo rio de suas identidades, línguas e espaços estrangeiros os mais variados possíveis.

4. Na canoa do diálogo – considerações finais

Cotejados, pois, sob os pontos de ponto de vista desenvolvidos acima, os dois contos reacendem, de um lado, a chama do debate dos choques culturais entre os imaginários do tempo passado, presente e futuro. De outro, embaralham as cartas do jogo das memórias fraturadas pelo olhar castrador dos relatos ocidentais, lançando algumas coordenadas discursivas para revisitar os lugares onde se travaram as batalhas do direito de representar o *outro* nas malhas do saber tramado pelo ritmo do deslizar das tintas europeias sobre o papel fixado nos umbrais do imaginário latino-americano.

Por tal viés, os passeios entre as manhãs literárias de Guimarães Rosa e Milton Hatoum contribuem significativamente para mapear as cenas da margem, abrindo espaço também para, como diria Ítalo Calvino (1990), pescar os tesouros que somente o texto literário guarda dentro de seu universo atravessado por leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Pela colheita crítica dessas propostas, podemos ler as paisagens textuais rosianas e hatounianas, contemplando, na assertiva de Umberto Eco (1994), os limiares das (con)figurações dos bosques da ficção contemporânea.

Referências

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERND, Zilá. **Dicionário de mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre; Literalis, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. da UFMG, Belo Horizonte, 1998.

BORDINI, Maria da Glória. **Casa de espaço, o poema**. In: Maria Luíza Ritzel Remédios. (Org.). *Transversais da memória: história e identidade na literatura portuguesa*. 1ed. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2012, v. p. 229-235.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

CORNEJO POLAR, Antonio. **O condor voa: literatura e cultura latino-americanas**. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura Comparada na America Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

_____. **Do Uno Ao Diverso: Breve Histórico Crítico do Comparatismo**. Organon, Porto Alegre, v. 10, n.24, p. 25-35, 1996.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Novas geografias narrativas**. Letras de Hoje, v. 42, p. 7-17, 2008.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FINAZZI-AGRÒ, E. **Postais do Inferno. O mito do passado e as ruínas do presente em Alberto Rangel**. In: Lígia Chiappini; Maria Stella Bresciani. (Org.). *Literatura e cultura no Brasil*. 1ed. São Paulo: Cortez, 2002, v. , p. 221-228.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo, Perspectiva, 1972.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOISEL, Evelina. **Cartografias narrativas**. In: SCHMIDT, R. T. (Org.); MASINA, L. S. S. (Org.); BITTENCOURT, G. N. S. (Org.). *Geografias Literárias e Culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Enredos da tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil**. In: LAROSSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (org). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Autêntica, Belo Horizonte, 2001.

LEITE, Lígia Chiappini Morais. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. In: *Revista de Estudos Históricos*. 1995.

LIMA, Simone de Souza. **Literatura e Meio Ambiente – ficção, corpos e nomadismos na Pan-Amazônia**. UFMG, Belo Horizonte, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Ed. da Unicamp, São Paulo, 2007.

PIZARRO, Ana. **Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales**. In: PIZARRO, Ana (Org.) *América Latina: Palavra, literatura e cultura*. Campinas: UNICAMP, 1993. Vol. 1, pg. 19 - 37.

RAMA, Ángel. **Literatura e cultura na América Latina**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

ROSA, João Guimarães. **A terceira margem do rio**. In: *Primeiras Histórias*. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

SOUZA, Eneida Maria de. **A pedra mágica do discurso**. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. v.1. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. **O homem desenraizado**. Trad. Cristiana Cabo, Rio de Janeiro, 1999.

TUTIKIAN, Jane. **A construção do processo de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.